



# TEATRO

★★

*do Romantismo aos nossos dias:* CENTO

U.1635



*uma antologia  
seleccionada, prefaciada e anotada*

*por*

**LUIZ FRANCISCO REBELLO**

# PORTUGUÊS

**E VINTE ANOS DE LITERATURA TEATRAL PORTUGUESA**



*Teatro*

# TEATRO PORTUGUÊS

ESTA OBRA É UMA EDIÇÃO DO AUTOR ORGANIZADA GRAFICAMENTE POR VICTOR PALLA, DISTRIBUIDA PELO CIRCULO DO LIVRO, LDA. E COMPOSTA E IMPRESSA POR SCARPA, LDA., RUA DAS FLORES, 43, EM LISBOA. DELA SE FEZ UMA TIRAGEM ESPECIAL DE 90 EXEMPLARES, NUMERADOS DE I A XC (OS ÚLTIMOS DEZ FORA DO MERCADO), IMPRESSA EM OFF-SET 140, RUBRICADOS PELOS AUTORES E COM UMA GRAVURA DE AUGUSTO GOMES

★★

*do Romantismo aos nossos dias*



2.<sup>o</sup> volume

# Ramada Curto

*Amílcar da Silva Ramada Curto nasceu em Lisboa, a 6 de Abril de 1886.*

*Obras principais: Teatro — O Estigma (1905); Segundas núpcias (1913); A Sombra (1914); Os redentores da Ilíria (1916); Os Tenórios e A Fera (1923); O caso do dia (1926); A noite do Casino e Justiça (1927); O homem que se arranjou, Demónio e O sapo e a doninha (1928); A boneca e os fantoches e Sua Alteza (1930); O Diabo em casa (1931); A cadeira da verdade (1932); Mascarada (1933); Sol Poente (1934); O perfume do pecado e Três gerações (1935); Recompensa e Duas mães (1938); Consciência (1939); Colombina e o telefone (1940); O Tio rico e O Gonzaga (1941); Madame Solange, vidente (1943); As meninas da Fonte da Bica (1948); Multa provável (1951); A Voz da Cidade (1953); Fogo de vistas (1956); O Fala-Só e Redenção (inéditas). Traduções — Topaze, de Marcel Pagnol, em colaboração com Chagas Roquete (1929); O sexo fraco, de Edouard Bourdet (1936); Um marido ideal, de Oscar Wilde (1946).*

*Outras obras: Debaxo do cedro, A vida amorosa de Malaquias Raposo e O caso doméstico do dr. Medeiros, romance (1931); Bianca Capello, novela (1933); O diário de José Maria (1941); O preto no branco, crónicas (1944).*

*O teatro de Ramada Curto ilustra, com exemplar evidência, a distinção entre o realismo crítico e o realismo fotográfico (a que mais propriamente deverá chamar-se naturalismo): e é, deste último, o documento mais representativo da nossa dramaturgia contemporânea. O próprio autor, aliás, aceitando para o seu teatro o rótulo de burguês, reconhece não aspirar a mais do que à descrição fiel de um meio social — sem quaisquer propósitos reformadores ou, sequer, moralísticos. Dal que, nas suas peças — mesmo naquelas em que o processo da decomposição burguesa mais ásperamente é retratado — sempre, ao fim e ao cabo, a ordem alvejada permanece intacta nos seus fundamentos, quando não justificada contra aqueles que, atacando-a frontalmente, lhe desvendam a íntima abjecção e os compromissos de toda a espécie que lhe garantem a sobrevivência.*

*No prefácio de A cadeira da verdade — que ele classifica de comédia de costumes, de maus costumes — escreve, significativamente, Ramada Curto: «Há um sector na sociedade de hoje que está medularmente podre. Eu não o afirmo como moralista: constato-o como observador, lá a dizer, como fotógrafo. As sólidas virtudes burguesas que fizeram o triunfo e asseguraram o domínio da classe, desapareceram, evaporaram-se numa grande parte da burguesia. Todas as coisas que dantes tinham força, perderam-na. Os prejuízos salutareos que disciplinavam a ferocidade instintiva da besta humana — a crença religiosa, a moral, a disciplina, o receio da opinião, as noções do pudor — (...) hoje a maior parte das pessoas não acredita nelas senão a fingir. Daqui resulta que os móbeis de acção de tais pessoas são a aurea sacra James e a libido. (...) Mas tudo isto está coberto com um manto: a salutar hipocrisia, a única virtude que permite, nesse sector da sociedade que eu foquei, que as pessoas não se agatanhem, ferozmente, umas às outras.»*

*Está implícita, nestas palavras, a nostalgia daquelas sólidas virtudes burguesas historicamente desaparecidas — a que uma estética naturalista não menos ultrapassada confere a ilusão de subsistirem ainda. E, aliás, a sua saudosa permanência que em parte diminui a projecção de uma obra tão comovidamente humana como este Homem que se arranjou — das mais belas do seu autor, e injustamente das menos compreendidas tanto pelo público como pela crítica. «Drama íntimo» lhe chamou Ramada Curto no prefácio de que em 1931 fez acompanhar a sua edição em volume: tragédia grotesca, evocando us de Raul Brandão*



(mas sem a urgente humanidade, sem a recusa de efeitos, que nos dramas deste se advertem), se lhe poderia chamar — já que, no dizer do próprio autor, «toda a tragédia das almas, dentro duma classe que se decompõe, é feita, quase sempre, dum irresistível cómico».

Estreado no Teatro Politeama, de Lisboa, a 25 de julho de 1928, O Homem que se arranjou teve como intérpretes o actor Pinto Grijó no protagonista, Aura Abranches (Leonor), Adelina Abranches (Porteira), Maria Matos (a Mulher), Maria Helena (a Filha), António Sacramento (o Amigo), António Palma (Juiz), Gil Ferreira (General), Raul de Carvalho (Médico), Carlos Santos e Mendonça de Carvalho (1.º e 2.º cidadãos), Miquelina Rodrigues (Menina dos vestidos), Idalina Lopes (Criada), José Balsemão (Taberneiro) e Joaquim Miranda (Criado).





## *Ramada Curto*

Em cima, *O Caso do Dia* com Robles Monteiro, Amélia Rey-Colaço e Leonor d'Eça (1926); em baixo, *O Homem que se arranjou* (1928)

# O HOMEM QUE SE ARRANJOU

Personagens:

MENINA DOS VESTIDOS.  
PORTEIRA.  
O AMIGO DA ESCOLA.  
COCOTTE «LEONOR».  
MÉDICO.  
GENERAL GOUVEIA  
JUIZ ALBUQUERQUE.  
A MULHER DO HOMEM.  
TEIXEIRA «O HOMEM QUE SE  
ARRANJOU».  
A FILHA DO HOMEM.  
A CRIADA.  
1.º CIDADÃO.  
2.º CIDADÃO.  
TABERNEIRO.  
CRIADO.

Varina, carteiro, cobrador, *chauffeur*, caixeiro de mercearia, fregueses do botequim, varredor da rua.

Lisboa — Actualidade.

## PRÓLOGO

*Um botequim de bairro excêntrico. Porta ao fundo deitando para a rua. O balcão ao fundo, à direita. Mesas de pedra e cadeiras. Armários com garrafas. Sobre o balcão copos, garrafas, a máquina do café, etc.*

AMIGO (*está a uma mesa com o 1.º e 2.º cidadãos*): Isto meus velhos, só estando a chover pólvora quinze dias e depois cair do céu um fósforo aceso!... Só assim é que isto entrava nos eixos!... Ou então um novo Terror como em França no tempo de Napoleão!...

1.º CIDADÃO: Você está bem certo que isso foi no tempo de Napoleão?

AMIGO: Se não foi no tempo dele, andou por aí perto. (*Ao criado*:) O Evaristo, traz um *bock*! Com bastante pressão!

CRIADO: Vai... (*Ao balcão*:) Um *bock* a espumar!

AMIGO: Ainda há dias tive ocasião de desafrentar a República, na pessoa dum desses miseráveis que a atraçoaram...

2.º CIDADÃO: Conta lá isso, ó Julião!

AMIGO: Vocês conhecem o Teixeira? O Teixeira das concessões à companhia alemã em África?

2.º CIDADÃO: O homem que se arranjou.

AMIGO: Esse mesmo. Esse bandalho foi meu discípulo, meu amigo. Eu antes de perder tudo quanto tinha com a política, dei-lhe

muita coroa, matei-lhe muitas vezes a fome... Por essas e por outras é que estou arruinado... Mas, que querem vocês! O coração e o Ideal levaram-me a este estado. (*O criado traz o bock*.)

1.º CIDADÃO (*irónico*): Molhe a palavra Julião!... Molhe a palavra primeiro!

AMIGO (*bebe o bock, limpa a boca com as costas da mão*): Ah! Pois como eu ia dizendo... Como vocês sabem esse miserável está *altíssimo*... Mora num palacete aqui perto, com garagem, grades de ferro, a toda a volta... Vocês compreendem que se eu quisesse transigir, esse tipo, pra se dar arcs de ser dos puros, fazia-me o que eu quisesse... Mas vocês sabem a minha tempera... Nem que arrebente com fome!

1.º CIDADÃO: Mas não se perca... Deixe isso agora... Conte lá como é que desafrentou a República.

AMIGO: Foi assim. Esse tipo já por duas ou três vezes tem querido meter conversa comigo... Escreveu-me, convidou-me a ir lá a casa e eu nem me dei ao trabalho de lhe devolver os convites... Até que ontem ia a passar mesmo defronte da casa dele, para um automóvel — um Rolls-Royce, com *chauffeur* de libré e trintanário, e quem é que se apeia? O malandro do Teixeira... Encara



comigo, eu encaro com ela... Ele avança pra mim todo risonho «Ó meu velho Julião com o bacalhau estendido...

1.º CIDADÃO: E você o que fez?

AMIGO: Eu? Não fiz mais nada senão isto: dei-lhe assim um sopapo na mão e só disse etire para lá isso, seu pulha!...» E segui o meu caminho.

2.º CIDADÃO: Lindo gesto!

AMIGO: Eu cá sou assim... *(Ao criado:)* Traz lá outro bock, ó Evaristo...

CRIADO: Vai... *(Ao caixeiro:)* Outro bock com pressão!...

2.º CIDADÃO: A minha companheira compra os vestidos à mulher dele... Que a minha rapariga ajuda-me, junta os seus ganhos aos meus... Pois, é ela que o diz, os vestidos dessa mulher são dum luxo assombroso...

1.º CIDADÃO: Então a sua companheira com essa senhora deve ganhar bom dinheiro?

2.º CIDADÃO: Esta gente quanto mais tem mais quer. A mulher é gananciosa e deixa pouco para lucro da minha... *(Ao amigo:)* Você leu no meu semanário «O Redentor» um artigo que eu escrevi sobre o tipo! Foi depois de falar consigo...

AMIGO: Lí. Está d'escacha!

2.º CIDADÃO: O título saiu-me bom. «Teixeira» enquanto os nossos *servanos* morriam na Flandres, vendia aos retalhos a terra sagrada da pátria aos alemães!

1.º CIDADÃO *(ao amigo:)* Você já viu a fotografia da escola que a minha associação mandou construir para os filhos da gente da classe? Foi esse Teixeira que fez a planta... Ele será o que vocês quiserem mas não levou nada pelo trabalho. Eu tenho aqui na carteira a fotografia. *(Tira a carteira do bolso do casaco e procura uma fotografia que mostra.)*

2.º CIDADÃO: Ora, meu amigo, isso é para delitar poeira nos olhos!

AMIGO: Está bem de ver!...

1.º CIDADÃO *(mostrando a fotografia):* Vejam lá sempre...

2.º CIDADÃO *(vendo com desdém):* Não tem estética!

AMIGO *(o mesmo jogo):* Qualquer mestre d'obras fazia melhor!...

1.º CIDADÃO *(mete a carteira no bolso. Nesta ocasião cai-lhe de dentro sem ele reparar um envelope cheio):* Enfim! Seja como vocês quiserem...

2.º CIDADÃO: Eu mandei o «Redentor» a esse tipo, com o artigo marcado a lápis... E sabem o que ele fez? Nem me devolveu o jornal, e quando lhe mandei o recibo da assinatura nem quis assinar! Isto define um sujeito.

1.º CIDADÃO: Se calhar o homem não gosta que lhe batam... Mas vocês têm bem a certeza que ele vendeu os pretos aos alemães?

AMIGO: Essa agora é nova! Com que você vem à praça! Então você não está farto de saber que esse Teixeira é um crapuloso, um vendido, cheio de dinheiro mal ganho?...

1.º CIDADÃO: Eu cá não lho contei nunca. E o que acho é que, se acaso não fosse verdade, isso era o diabo e podia dar mau resultado. Imaginem vocês que se arma pr'á alguma *bernarda* e o pagode arreventa com o homem? Depois então fazem-lhe exéquias.

AMIGO *(indignado):* Você sempre me saiu um tipo. É isso que lhe ensinam lá na Associação? A defender os tratantes?

2.º CIDADÃO: Você fala assim porque está cheio!... Não sente estas coisas como nós!

1.º CIDADÃO: Estou cheio? Estou cheio de quê? Só se for de trabalho! E não sinto essas coisas? Ainda o meu amigo sujava os cal-

ções, já eu me fartava de malhar com os ossos nos calabouços em defesa do que está! Ora a asneira bem? Isso nem tem resposta! *(Levanta-se, atravessa a cena até ao balcão; ao caixeiro:)* Dê-me aí uma caixa de fósforos, das grandes, ó rapaz... A gente sempre ouve coisas...

AMIGO *(ao 2.º cidadão, baixo):* Estás ouvindo o camarada? É preciso desconfiar dele. Parece-me um vendido. Está sempre com piadas!

2.º CIDADÃO: A quem tu o dizes! Há que tempos que eu sei que ele é da polícia!

AMIGO: Sério?! Ai o malandro!

1.º CIDADÃO *(dirigindo-se para a porta do fundo, aos outros dois):* A conversa não dá interesse! Boa tarde à companhia!

AMIGO E 2.º CIDADÃO: Boa tarde... *(O 1.º cidadão sai.)*

AMIGO: Ó Evaristo traz outro bock...

CRIADO: A saltar. *(Ao caixeiro:)* Outro bock...

AMIGO: Tu não queres um bock? Eu pago...

1.º CIDADÃO: Não vai mais. E tenho que me ir embora. Tu ficas?

AMIGO: Para onde queres tu que eu vá?... Com esta crise de trabalho não sabe a gente em que há-de empregar a sua actividade.

1.º CIDADÃO: Então até logo... Eu talvez volte.

AMIGO: Até logo... *(O 1.º cidadão sai.)*

AMIGO *(só junto da mesa, mete um cigarro numa boquilha; a boquilha cai-lhe da mão. abaixa-se para a apanhar e dá com o sobrescrito que caiu da carteira ao 2.º cidadão):* O que é isto? *(Apanha o sobrescrito, rãpivamente, puxa o que está dentro; são notas.)* Ó raio! É dinheiro. *(Conta, olhando o criado e o moço do balcão.)* Uma, duas, três, qua-



tro... Quatrocentos paus! Sempre é verdade!  
O tipo é da polícia! (*Mete rápido o sobresseto à algibeira, bate na mesa chamando o criado:*) Evaristo! O Evaristo! Estás surdo...  
(*Põe dinheiro miúdo sobre a mesa.*)

CRIADO: Pronto...

AMIGO: Paga-te lá e guarda o troco... (*O criado executa; levanta-se.*) Até já ó Evaristo!...

CRIADO: Até já, sr. Julião. (*Julião sai rápido pelo F.*)

## FIM DO QUADRO

(*O pano desce só com a demora suficiente para se armar o 1.º acto.*)

## ACTO PRIMEIRO

*Uma escada larga e espaçosa, de prédio novo, para inquilinos ricos. A porta da rua ao fundo. No palco debaixo à direita fundo, o cubículo da porteira, com uma porta que abre a meia cena. Junto do guarda-vento, à E., um bufete e um banco grande em pau preto. Dum lado e doutro, escada atapetada, corrimão de madeira, juntando-se a meia altura no patamar do primeiro andar com porta à D. e à E. A escada segue para cima e some-se no urdimento. O patamar e a escada são francamente praticáveis e bem visíveis do público.*

MENINA (*desce a escada e pára diante do cubículo da porteira*): Então, muito bons dias...

PORTEIRA: Demorou-se muito... É bom sinal. É que sempre se fez negócio. Onde foi?

MENINA: Fui ao primeiro, direito. As filhas do Albuquerque tinham lá uns *quicos* de Inverno para vender, mas eu queria que a senhora Júlia os visse! Ofereci cinco mil réis por cada um e não quiseram... Uns trapos que pareciam apanhados no caixote do lixo...

PORTEIRA: Aquilo ali é uma *pingonhica*...

A mãe faz os vestidos em casa... Mas em proa ninguém lhes ganha... Passam por mim, como cão por vinha vindimada... A mãe e as duas serigaitas são três focinhos duma coisa que eu cá sei. Mas é vê-las! Parece que outros burros não vão à feira!

MENINA: E depois deixam os vestidos todos suados. Assim ninguém dá nada por eles.

PORTEIRA: Está bem de ver... E oíhe que por baixo ainda deve ser pior... Aquilo por fora são cordas de viola... A mais nova é que se apura mais agora por causa dum rapazola que anda aí... Já são duas vezes que o apanho no patamar a falar com ela à porta... E para eu me calar agora já me sabe o nome, já me mostra os dentes. «Senhora Júlia bons dias. Como passou senhora Júlia? A senhora Júlia está melhor do seu reumático?» Bem te entendo! Que o rapaz parece-me cavalheiro. Deu-me dez mil réis na quinta-feira.

MENINA: Fui também ao lado direito a casa do cônego Mendes. E vá lá! — A governanta vendeu-me um casacão de Inverno, de boa fazenda e em bom uso. Não comprei caro.

PORTEIRA: Mula de abade tem arreo rico!... E ao segundo andar, foi?

MENINA: Ao lado esquerdo não fui. A mulher do general não estava...

PORTEIRA: Isso também dá pouco interesse... Eu falo à do lado direito, a dona Leonor...

MENINA: Ah! Isso sim!... Que casa aquela, senhora Júlia! Olhe que cheira bem logo da porta... Ali há dinheiro, há gosto, há elegância...

PORTEIRA: Pudera, não haver!... O homem com quem ela está é banqueiro.

MENINA: Dos da batota!...

PORTEIRA: Melhor! Dos outros... Pra uma mulher como ela um destes é muito mais

seguro... Os outros, às vezes, têm marés de azar, anda a polícia em cima deles... Estes não... De maneira que faço ideia do luxo que lá deve ir...

MENINA: Ai! uma freguesa assim, compensa... Os vestidos são modelos, que, só eu sei quanto custam... Veste-os meia dúzia de vezes e deixa-os a cheirar bem que é um regalo... E depois não regateia. «Leva-me daqui esta trapagem que não tenho lugar no guarda-vestidos...» Ainda hoje lhe comprei jóias com que vou ganhar meio por meio.

AMIGO (*entrando ao fundo*): Muito bom dia...

PORTEIRA: Muito bom dia... Que há-de querer o senhor?

AMIGO: A senhora podia informar-me se mora aqui no prédio o sr. Teixeira?

PORTEIRA: O sr. Teixeira? Que foi governador nas Áfricas?

AMIGO: Esse mesmo...

PORTEIRA: Um que... Sim... Um que dizem que veio de lá muito bem governado?

AMIGO (*risonho*): Sem tirar nem pôr... Vejo que a senhora conhece a biografia dos seus inquilinos. Mora cá?

PORTEIRA: E o senhor que lhe quer?

AMIGO: Isso agora talvez não seja da sua conta...

PORTEIRA: Ora, que não é!... Nem preciso perguntar. Já sei de que se trata... O sr. Teixeira mora aqui sim senhor. Mora no terceiro, lado esquerdo... Mas não está em casa... Saiu de manhã.

AMIGO: Mas há-de vir almoçar, naturalmente...

PORTEIRA: Se não almoçar fora — é porque vem almoçar a casa...



AMIGO: Mas ele habitualmente almoça em casa, não é verdade?

PORTEIRA: As mais das vezes almoça, sim senhor...

AMIGO: Então se me dá licença eu espero aqui por ele...

PORTEIRA: Não faz estorvo... Esteja a seu gosto...

AMIGO: Muito obrigado... *(Vai sentar-se no banco ao pé da porta, lendo um jornal.)*

PORTEIRA: *(aparte)*: É mais um! Estás bem servido... Começa a romaria...

MENINA: Para quem é?

PORTEIRA: Para o inquilino do terceiro, prô ricaço...

MENINA: Ah! É o tal que esteve em África, como governador e fez lá uma grande maroteira? Aquele de quem falaram os jornais?...

PORTEIRA: É esse... Não lhe largam a porta... Todos os dias são cartas sobre cartas e visitas e esperas...

MENINA: Porquê?

PORTEIRA: Ora porque há-de ser!... Isto são todos uns famintos... Como lhe cheira que o homem está cheio dele, não o largam. Todos querem petiscar. Este tem cara de quem vem ao mesmo... Não o deixam...

MENINA: É justo que ele reparta. Para mais que não lhe custou a ganhar... O meu rapaz fala-me muitas vezes nesse e noutros da política... São todos uns patifes que querem viver à custa de quem trabalha...

PORTEIRA: Uma choldra, minha rica menina, uma choldra! E o povo que pague para esses comilhões...

MENINA: É o que o meu diz. Que o meu rapaz a falar é um gosto ouvi-lo. A senhora Júlia não calcula. É um rapaz muito ins-

truido, e todos dizem que se fazia dali um deputado, mas o que é dizer um deputado!

PORTEIRA: Sim, hem? Ele o que faz?

MENINA: Ora, o que faz, coitado!... Há dois anos que está desempregado... Eu é que lhe dou tudo. E bem me custa a trazê-lo como um *fové* para não fazer má figura nos cafés, ao pé dos amigos... Que ele é muito considerado, fala nos clubes, escreve nos jornais. De maneira que tem de andar bem vestido, não é verdade?

PORTEIRA: Está bem de ver... Um homem desses demanda muita despesa...

MENINA: Ó sr.<sup>a</sup> Júlia! Está-me a lembrar que a senhora, é que se quisesse me poderia arranjar a família do tal sujeito... Ele é casado? Há mulheres em casa?

PORTEIRA: É casado... E tem uma filha, uma pequena dos seus dezasseis anos... Bonitinha mas muito fracota, muito doente... Agora está ela bem atrapalhada, e o pai e a mãe andam ralados... Vai lá o médico todos os dias...

MENINA: Ora veja lá para que lhe serve o dinheiro que ele roubou!... É castigo! Não era melhor ser honrado e ter a filha com saúde? Mas essa gente deve ter vestidos em bom uso, e isso calhava-me...

PORTEIRA: Hum! Não é gente disso... A mulher usa uns vestidos de nada... Aquilo calculo eu é para não dar nas vistas!... Como toda a gente sabe que o homem se arranjou e à grande não luxam que é pra fazer esquecer, entende!... Aquilo cá pra mim é sofisma!... Ninguém me tira da cabeça que é sofisma!...

MENINA: Que malandrice essa, hem! Gente assim não faz girar o comércio! Mas Deus castiga sem pau nem pedra... Por isso tem a filha doente...

PORTEIRA: Olhe, aí vem o médico...

MÉDICO *(entrando)*: Bom dia...

PORTEIRA *(põe-se a olhar)*: Bom dia, sr. doutor... Ó sr. doutor, V. Ex.<sup>a</sup> desculpará... Mas como está a menina do terceiro?... Não tem melhoras?

MÉDICO *(continua a subir; pára)*: Infelizmente não...

PORTEIRA: Ora, vejam lá! Pobre criança! Eu não me canso de pedir por ela aos meus santinhos...

MÉDICO: Não deve ser por isso que ela está pior...

PORTEIRA: *(aparte)*: Olha que estupidez de resposta!...

AMIGO *(que tem estado a ler o jornal, rindo, escarminho)*: Não faça caso... Estes médicos são uns heroges...

PORTEIRA: Por isso eu nada quero com eles... Quando parti esta perna fui à Esperança, ao *endereço*... E lá vou sempre quando me aperta o reumático...

AMIGO: Quem é bom para isso também é o ferrador de Chão de Maçãs... Faz milagres!

PORTEIRA: O ferrador?! Ora essa!

MENINA: Eu já ouvi falar... Dizem que sim.

AMIGO: Não tem dúvidas... Se se quer ver livre do reumático e da clática é ir ao ferrador. *(Os três juntam-se a conversar. No pafamar em cima, o médico curva-se com a cocotte.)*

LEONOR *(ao médico)*: Olá, doutor?... Tão cedo já por cá?... Então a pequena do terceiro está pior?

MÉDICO: Ela está pior coitada, mas você é que está cada vez mais linda!

LEONOR: Acha?

MÉDICO: Caramba — como se diz nas zarzuelas! Não faço outra coisa senão achar... Que pena você ter tanta saúde!



LEONOR: Longe vá o agouro! Assim me deseja mal?

MÉDICO: Eu? Mal? Não vê que eu só lhe desejo uma pequena constipaçãozinha de nada, para que você me mande chamar e eu possa vê-la e auscultá-la, sendo preciso...

LEONOR: Que mais?...

MÉDICO: Mais nada...

LEONOR: Acabaram-se os madrigais?

MÉDICO: Que entende você por madrigais?

LEONOR: Eu sei lá, homem de Deus! Pelo nome deve ser uma coisa que não tem jeito nenhum dizer-se a esta hora...

MÉDICO: Porquê?...

LEONOR: Madrigais — está mesmo a dizer... É uma coisa que só se deve fazer de... madrugada. Mas agora a sério! Como está a pequena do «homem que se arranjou»?

MÉDICO: «O homem que se arranjou»... O que é isso?

LEONOR: É como toda a gente aqui da escada lhe chama... A invenção é aqui do Mendes... *(Indica a porta da E.)* Um que tem coisas encarnadas no peitinho *(indica o peito)* e que tem uma governanta — entende? — uma governanta que parece um guarda republicano... Ele é que pôs ao seu cliente a alcunha do «homem que se arranjou». Disse-mo a porteira.

MÉDICO: É falta de caridade cristã...

LEONOR: Ah! lá por isso! Eu também tenho alcunha! Sou a «perfumada». Essa quem a inventou foi o Albuquerque que mora aqui. *(Indica a D.)* É talvez para se vingar de que se não pode passar no Verão ao pé das madamas da família — com o cheiro, que não é positivamente Houbigant...

MÉDICO: Pelo que vejo você está mal com a vizinhança...

LEONOR: Ui que gente! Nunca morei numa escada assim... O meu vizinho de patamar é o general Gouveia, conhece — um velhote...

MÉDICO: Conheço...

LEONOR: Para esse não sou a «perfumada»... Sou isto: «boa praça»

MÉDICO: Ó Leonor — nisso há-de você perdoar-me que eu ache razão ao general...

LEONOR: Tem razão. Eu também concordo. Mas é malcriado. *(Ri.)* Outro dia, não estava ninguém lá em baixo, eu passei e ele dispara-me esta gracinha. Adeus, linda menina. E eu comecei-me a rir e respondi-lhe: «Boa tarde, meu velho camarada!» Merreci a pena ver-lhe a cara... Eu já disse ao meu senhor: proíbo-te que cumprimentes esses tipos e as respectivas madamas na escada...

MÉDICO *(rindo)*: Porquê?

LEONOR: Porquê? Ainda o pergunta? As fúrias do Albuquerque não me largavam a porta, a pedir-me coisas. Uma vez era um poncochinho de açúcar... Outras uma pingüinha de azeite... Outras, umas velas por que se tinha fundido a electricidade... e estava sempre fechada a mercearia. E o gramofone — porque tinham visitas... Um nunca acabar!... Até sala... e cebolas! E tudo era com qualquer pretexto, meterem o nariz em casa, verem o que eu tenho e o que eu não tenho... O porta-machado aqui do lado, esse então era esmola para St.<sup>a</sup> Gertrudes, para S. Cucufate, para todos os santos... E, eu era tudo: pois não minhas senhoras, às suas ordens minhas senhoras, não incomodam nada, minhas senhoras... Pois os homens quando me vêem na rua ou na escada, põem os olhos no chão e fingem que me não vêem! E para as mulheres sou a «perfumada».

MÉDICO: Mas isso não ofende...

LEONOR: E a «Galdéria». E... Olhe meu caro... as únicas pessoas delicadas desta escada são o Teixeira e a mulher. E esses

nunca me pediram nada. Ele tira-me o chapéu com delicadeza quando me encontra e a senhora, que é bem simples, abaixa-me a cabeça... Mas ainda me não disse... A pequenita?

MÉDICO: Está muito mal... Precisa fazer uma operação grave, cortar uma costela...

LEONOR: Ó coitadinha!... E ela é tão bonita, tão fina!

MÉDICO: É galante... Mas muito fraca. E depois da operação é preciso muito cuidado. Levá-la daqui para fora, para um sanatório... Enfim, tudo pode ser... Mas eu não gostava de ter uma filha minha assim...

LEONOR: Tenho tanta pena... «O homem que se arranjou» anda tão triste...

MÉDICO: Bom... Passe você muito bem. E não pense em tristezas... Adeus... *(Aper-tam-se as mãos.)*

LEONOR *(descendo)*: Vocês vêem isso assim com indiferença. Não tem pena! *(Vai descendo.)*

MÉDICO: Temos. O que temos é pouco tempo. *(Vai subindo.)*

LEONOR: Olhe lá!... Se eles às vezes, de noite, precisarem de qualquer coisa, uma criada a mais, um recado pelo telefone. Que eu tenho telefone...

MÉDICO: Todos os progressos modernos!

LEONOR: Não brinque... Se precisarem, diga-lhes que não se acanhem, que me batam à porta.

MÉDICO: Está bem... Direi. Você é uma boa rapatiga, como diz o general...

LEONOR *(rindo)*: Não é isso. «Boa praça» e «linda menina».

MÉDICO: E deliciosamente perfumada...

LEONOR: Viva amigo... Antes isso que cheirar mal... Adeus.

*(O médico sai.)*



# Í N D I C E

*Prefácio: Cento e Vinte Anos de Literatura Teatral Portuguesa* vii 657

<i>Introdução</i> .....	IX
1. <i>Interrogação sobre a existência de um teatro português — O teatro e a sociedade portuguesa</i> .....	XIII
2. <i>Síntese histórica: de Gil Vicente a Garrett</i> .....	XV
3. <i>Garrett e a restauração do teatro português</i> .....	XVI
4. <i>Primeiros encontros de Garrett com o teatro — A tragédia Catão e a geração liberal de 1820 — O exílio</i> .....	XVII
5. <i>O Auto de Gil-Vicente, início do teatro romântico — Dramas históricos — Uma obra-prima: o Frei Luis de Sousa — As últimas peças de Garrett</i> .....	XIX
6. <i>O equívoco do teatro histórico ultra-romântico</i> .....	XXI
7. <i>O melodrama histórico da década de 1839-50</i> .....	XXIII
8. <i>O melodrama social do meio-século — Gomes de Amorim, Camilo e a caricatura do ultra-romantismo</i> .....	XXVIII
9. <i>A comédia de costumes — Pinheiro Chagas e a sublimação do ultra-romantismo</i> .....	XXXII
10. <i>A questão do «Bom Senso e Bom Gosto» — A «geração de 70» e o teatro</i> .....	XXXIII
11. <i>Outros encontros da «geração de 70» com o teatro</i> .....	XXXVII
12. <i>Realismo e naturalismo — O anti-clericalismo no teatro português</i> .....	XXXIX
13. <i>Revivescência do teatro histórico — A Pátria de Junqueiro</i> .....	XLI
14. <i>O realismo dos Velhos de João da Câmara — Naturalismo em Marcelino Mesquita, Lopes de Mendonça e Júlio Dantas</i> .....	XLV
15. <i>Renovação da farsa com Gervásio Lobato e da comédia com Schwalbach — Dois géneros menores: a ópereta e a revista</i> .....	XLVII

16. <i>O naturalismo entre 1900 e 1914 — Dois dramaturgos por acidente: Malheiro-Dias e Teixeira-Gomes</i> .....	XLVIII
17. <i>O «Teatro Livre» e um dramaturgo: Manuel Laranjeira — O «Teatro Moderno» e um encenador: Araújo Pereira</i> .....	L
18. <i>Vestígios do simbolismo em João da Câmara — O naturalismo impressionista de Raul Brandão</i> .....	LIII
19. <i>Dramaturgia simbolista de Eugénio de Castro, Fernando Pessoa e António Patrício</i> .....	LIV
20. <i>Situação do teatro português entre 1918 e 26</i> .....	LVI
21. <i>Tendências dramáticas do após-guerra: Revivescência do teatro histórico e teatro regional</i> .....	LVIII
22. <i>Tendências dramáticas do após-guerra: A sátira de costumes</i> .....	LIX
23. <i>O teatro de Alfredo Cortez</i> .....	LXII
24. <i>A dramaturgia existencial de Raul Brandão — Teixeira de Pascoaes e o teatro</i> .....	LXIII
25. <i>O teatro português na década de 30</i> .....	LXV
26. <i>O modernismo no teatro português</i> .....	LXVIII
27. <i>O «Estúdio do Salitre» e o movimento experimental</i> .....	LXXII
28. <i>Situação actual do teatro português</i> .....	LXXIII
29. <i>O neo-realismo e o teatro — Autores contemporâneos</i> .....	LXXVIII
30. <i>Conclusão</i> .....	LXXIX

### *Antologia:*

Almeida Garrett: Um Auto de Gil-Vicente .....	1
Gomes de Amorim: Fígados de Tigre .....	21
Camilo Castelo Branco: O Morgado de Fafe em Lisboa .....	53
Pinheiro Chagas: A Morgadinha de Valflores .....	71
Gervásio Lobato: O Festim de Baltasar .....	105
Marcelino Mesquita: Dor Suprema .....	121
D. João da Câmara: Triste Viuvinha .....	143
× Manuel Fernandes Laranjeira: ... Amanhã .....	171
Henrique Lopes de Mendonça: O Azebre .....	189
Eduardo Schwalbach: Os Postiços .....	217
× Fernando Pessoa: O Marinheiro .....	275
Vitoriano Braga: Octávio .....	283
Carlos Selvagem: Entre Giestas .....	303
António Patrício: D. João e a Máscara .....	341
Ramada Curto: O homem que se arranjou .....	371
× Raul Brandão: O Avejão .....	397
António Botto: Alfama .....	403
Alfredo Cortez: Gladiadores .....	427
Vasco Mendonça Alves: Meu amor é traíçoero .....	449
Olga Alves Guerra: Tempos modernos .....	473
Joaquim Paço d'Arcos: O Ausente .....	493



× <i>Alves Redol: Maria-Emília</i> .....	519
× <i>Branquinho da Fonseca: Curva do Céu</i> .....	529
<i>José Régio: Benilde ou a Virgem-Mãe</i> .....	535
× <i>Almada Negreiros: Antes de começar</i> .....	559
→ × <i>João Pedro de Andrade: Continuação da comédia</i> .....	567
× <i>Jorge de Sena: Amparo-de-Mãe</i> .....	575
× <i>Luiz Francisco Rebello: O dia seguinte</i> .....	581
<i>Bernardo Santareno: A Promessa</i> .....	597
<i>Costa Ferreira: Um homem só</i> .....	623

*Nota Final*

*Nota Bibliográfica*

*Índice dos Nomes Citados no Prefácio*



## Principais Correções

Página	Linha	Onde se lê:	Leia-se:
<b>NO PREFÁCIO</b>			
XVII	33	— composta em 1817, aos 18 anos —	— composta entre 1818 e 1820 —
XVII	36	1811	1816
XVII	37	quatro ou cinco anos depois	um ou dois anos depois
XVII	37	Como também não chegaram até nós	Apenas chegaram até nós
XXI	11	1948	1848
XXV	16	incluído	incluído
XXVI	33	realidade	natureza
XXXVIII	18	de Dumas (1870)	de Dumas filho (1870)
LII	7 e 8	Mário Allen	Mário Gollen
LIII	39	com seu irmão Júlio,	com Júlio Brandão,
LV	24	distintas do	distintas da do
LXI	12	(1931)	(1932)
LXI	30	(n. em 1887)	(n. em 1883)
LXIII	8	publicada também em 1939	publicada em 1944
LXVII	15	(n. em 1909)	(n. em 1908)
LXXI	20	obsediante	obsediante
<b>NA ANTOLOGIA</b>			
1	39	Coisas e sérias	Coisas sérias
121	10-11	Uma anedota, Calvário	Uma anedota, <i>episódios em 1 acto</i> (1902); <i>O Rei Maldito, peça histórica em 5 actos</i> , e <i>A Noite do Calvário</i>
121	31	<i>solicitados, por</i>	<i>solicitados por</i>
187	19 (3.ª coluna)	para todas!	para todos!
353	1-2 (2.ª coluna)	passam assas	passam asas
371	9	Voz da cidade (1953)	Voz da cidade (1952)
427	7	<i>Henri Josset</i>	<i>André Josset</i>
575	17	<i>acusa</i>	<i>acusa</i>
575	18-19	<i>épocas, ad libitum, permutáveis</i>	<i>épocas, ad libitum permutáveis</i>
581	22	(1960)	(1961)
582	3	vento de angústia	vento da angústia

Na primeira página de gravuras dedicada a João da Câmara, a legenda alude por lapso ao actor João Rosa no papel de Afonso VI, quando deveria dizer-se: Augusto Rosa no papel de Simão Peres do drama *Afonso VI*.